



**INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O
DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL**

O COMÉRCIO EXTERIOR EM 2007

MAIO/2008

Conselho do IEDI

Abraham Kasinski <i>Sócio Emérito</i>	Josué Christiano Gomes da Silva <i>Presidente do Conselho</i>
Amarílio Proença de Macêdo	Lirio Albino Parisotto
Andrea Matarazzo	Luiz Alberto Garcia
Antonio Marcos Moraes Barros	Marcelo Bahia Odebrecht
Benjamin Steinbruch	Miguel Abuhab
Carlos Antônio Tilkian	Olavo Monteiro de Carvalho
Carlos Francisco Ribeiro Jereissati	Paulo Guilherme Aguiar Cunha
Carlos Mariani Bittencourt	Paulo Setúbal Neto
Carlos Pires Oliveira Dias	Pedro Eberhardt
Claudio Bardella	Pedro Franco Piva
Daniel Feffer	Pedro Grendene Bartelle
Décio da Silva	Pedro Luiz Barreiros Passos
Eugênio Emílio Staub	Rinaldo Campos Soares
Flávio Gurgel Rocha	Robert Max Mangels
Francisco Amaury Olsen	Roberto de Rezende Barbosa
Ivo Rosset	Roger Agnelli
Ivocy Brochmann Ioschpe	Salo Davi Seibel
Jacks Rabinovich	Thomas Bier Herrmann
Jorge Gerdau Johannpeter	Victório Carlos De Marchi
José Antonio Fernandes Martins	Walter Fontana Filho
José Roberto Ermírio de Moraes <i>Diretor Geral</i>	
Hugo Miguel Etchenique <i>Membro Colaborador</i>	
Paulo Diederichsen Villares <i>Membro Colaborador</i>	
Paulo Francini <i>Membro Colaborador</i>	
Roberto Caiuby Vidigal <i>Membro Colaborador</i>	

O COMÉRCIO EXTERIOR EM 2007¹

Principais Conclusões e Sugestões.....	1
O Comércio Exterior em 2007	3
Preço e Quantum.....	5
Importação e Exportação.....	6
Destino das Exportações.....	7
Panorama Setorial.....	8
Exportação.....	9
Importação.....	12
Saldo Comercial.....	14
Contribuição para o Aumento das Exportações.....	16
Exportação e Importação por Intensidade Tecnológica na Indústria de Transformação.....	17
Exportação.....	17
Importação.....	19
Saldo Comercial.....	21
Anexo – Metodologia e Classificações.....	23

¹ Trabalho preparado por Julio Sergio Gomes de Almeida e Daniel Keller de Almeida.

O COMÉRCIO EXTERIOR EM 2007

Principais Conclusões e Sugestões

As exportações brasileiras atingiram US\$ 160,6 bilhões e as importações US\$ 120,6 bilhões em 2007, com saldo de US\$ 40,0 bilhões. O crescimento das exportações alcançou 16,6% em relação a 2006, quando as exportações foram de US\$ 137,8 bilhões. Isto corresponde a um incremento superior ao obtido em 2006 na comparação com 2005, mas inferior ao aumento alcançado em todos os outros anos analisados neste trabalho.

Assim como nos anos anteriores, o dinamismo das vendas externas veio acompanhado de um aumento significativo das importações. Repetindo o que ocorreu em 2006 e ao contrário dos anos anteriores, as importações cresceram consideravelmente mais do que as exportações, 32,2% neste último ano (R\$ 91,4 bilhões em 2006 contra R\$ 120,5 bilhões em 2007).

Já os US\$ 40,0 bilhões obtidos como saldo comercial significaram uma redução (-5,6%) em relação ao mesmo período de 2006, quando o saldo comercial atingiu US\$ 46,5 bilhões (R\$ 44,9 bilhões em 2005). Nesse ano, diferentemente dos anteriores, o crescimento do volume de comércio não foi acompanhado de aumento do saldo.

Seguindo a análise setorial, os dados do presente levantamento mostram que houve aumento das exportações em 2007 com relação a 2006 em todos os setores, com exceção de *maquinaria-eleto-eletrônica*. Cabe ressaltar que esses aumentos foram significativos em vários setores, com destaque para *maquinaria outros de transporte, cereais e produtos animais*.

Em relação às importações, o crescimento foi geral, e apenas os setores de *produtos florestais e maquinaria eletro eletrônica* ficaram abaixo de 20%. É importante ressaltar que essa situação vem se repetindo nos últimos anos e que em 2007 alguns setores experimentaram avanços substanciais. Destacaram-se com relação a 2006, obtendo um crescimento superior a 40%, os setores de: *maquinaria veículos rodoviários* (45,2%), *maquinaria-outros-de-transporte* (43,2%), *cereais* (41,3%) e *intensivo em trabalho* (40,6%).

No que se refere à geração de saldos comerciais, no ano de 2007 o maior gerador foi o segmento de *cereais*, com US\$ 13,9 bilhões ou 34,7% do saldo comercial total, mesmo com um grande aumento de suas compras externas. Em 2006, o destaque tinha sido agricultura tropical. Em seguida vêm o setor de *produtos animais*, com US\$ 11,4 bilhões ou 28,6% do saldo total, os segmentos de *agricultura tropical* (café, açúcar, frutas como destaques), respondendo por 28,0% do saldo (US\$ 11,2 bilhões), e o setor *matérias primas*, com 22,8% do total.

Considerando uma classificação da OCDE, as exportações da indústria de transformação tiveram uma expansão praticamente equivalente (US\$ 13,9 bilhões ou 13,2%) ao aumento obtido em 2006 com relação a 2005 (14,1%). Os produtos de baixa e média-baixa intensidade tecnológica permaneceram sendo os que obtiveram maiores taxas de expansão, respectivamente 13,5% e 15,9%, ao passo que as duas outras classes, de média-alta e alta intensidade tecnológica atingiram um crescimento em torno de 10%.

O saldo comercial brasileiro gerado pela indústria de transformação apresentou uma trajetória claramente ascendente entre os anos de 2002 e 2005. Contudo, em 2006 essa trajetória foi revertida e em 2007 houve uma nova queda, numa escala muito superior (37,0%). Isso configura uma situação que deve ser observada com atenção. Notar que em 2007 o bom desempenho das exportações de produtos que não fazem parte da indústria de transformação não conseguiu compensar o mau resultado desta última, de forma a elevar o superávit da balança comercial.

O grande setor gerador de saldo comercial para o Brasil, considerando o conteúdo tecnológico, é o de baixo conteúdo (saldo de US\$ 34,8 bilhões), seguido pelo segmento médio-baixo, mas com um resultado consideravelmente menor (saldo de US\$ 9,2 bilhões).

Em outros trabalhos o IEDI já chamou atenção para a necessidade de conferir à pauta exportadora brasileira uma maior aproximação com os mercados de maior conteúdo tecnológico e agregação de valor por meio de uma política estruturada de comércio exterior. Os resultados, contudo, mostraram a falta dessas políticas.

É importante também frisar que, caso se considere apenas a conjuntura internacional, o Brasil teria, em 2007, todas as condições de aumentar o seu saldo comercial de forma contínua e mais intensificada. Isto porque a média do crescimento econômico mundial, bem como os indicadores de liquidez internacional, continuaram fortemente favoráveis. Contudo, uma sobrevalorização da moeda nacional impediu um desempenho mais robusto da balança comercial.

O Comércio Exterior em 2007

Em 2007, as exportações e as importações brasileiras atingiram, respectivamente, US\$ 160,6 bilhões e US\$ 120,6 bilhões, com um saldo de US\$ 40,0 bilhões. No que diz respeito ao dinamismo das exportações, no ano de 2007 houve um crescimento de 16,6% em relação a 2006, quando as exportações alcançaram US\$ 137,8 bilhões. Isso corresponde a um incremento superior ao obtido em 2006 na comparação com 2005, mas inferior ao aumento alcançado em todos os outros anos analisados neste trabalho.

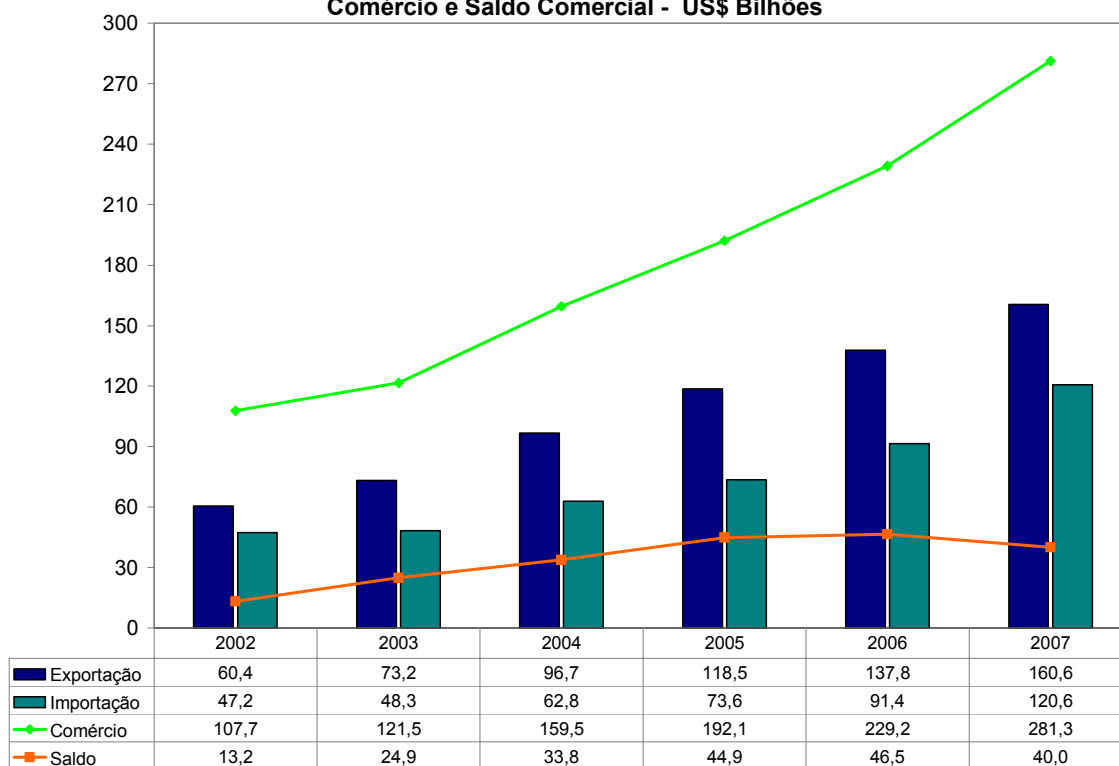
Assim como nos anos anteriores, o dinamismo das vendas externas veio acompanhado de um aumento significativo das importações. Repetindo o que ocorreu em 2006 e ao contrário dos anos anteriores, as importações cresceram consideravelmente mais que as exportações, uma vez que a expansão das compras externas atingiu 32,2% neste último ano (R\$ 91,4 bilhões em 2006 contra R\$ 120,5 bilhões em 2007).

Considerando o volume de comércio, nota-se que ele atingiu uma vez mais seu maior nível histórico (US\$ 281,3 bilhões) no ano de 2007, superior em 22,7% ao valor correspondente de 2006. Já os US\$ 40,0 bilhões obtidos como saldo comercial significaram uma redução (-5,6%) em relação ao mesmo período de 2006, quando tal saldo atingiu US\$ 46,5 bilhões (R\$ 44,9 bilhões em 2005). Nesse ano, diferentemente dos anteriores, o crescimento do volume de comércio não foi acompanhado de aumento do saldo.

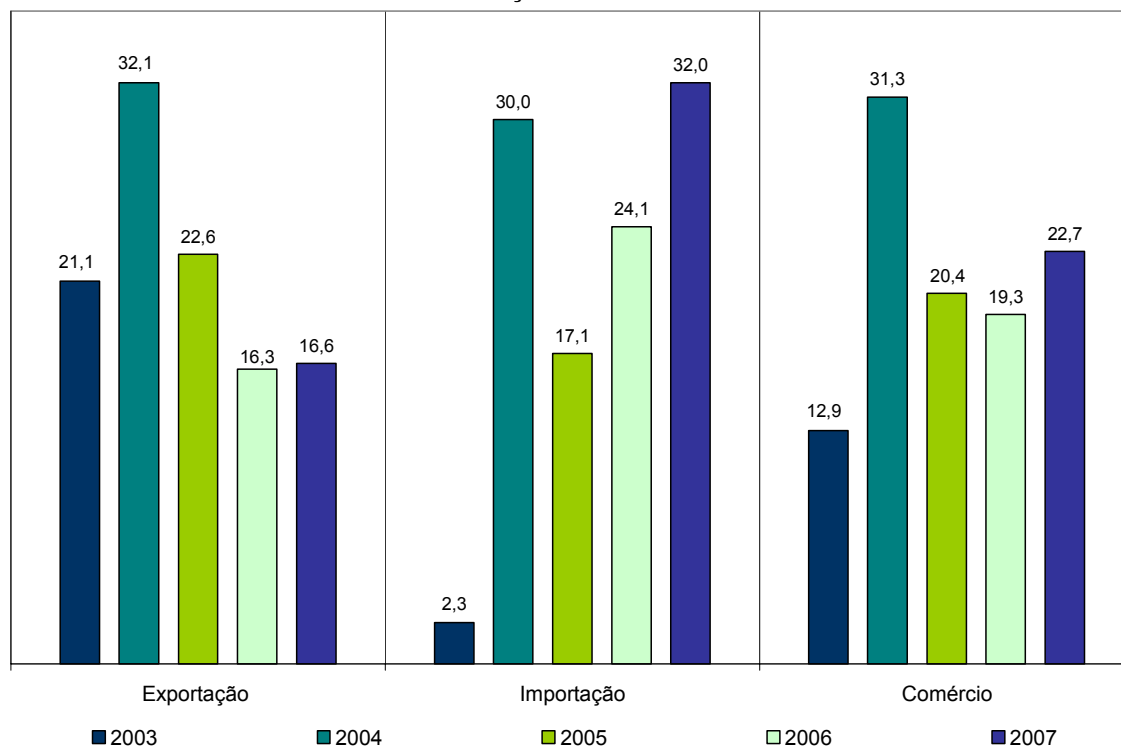
Como proporção do PIB, observa-se que houve um aumento com relação ao ano de 2006 tanto para as importações, quanto para o volume de comércio. As vendas externas e o saldo comercial caíram pelo segundo ano consecutivo.

Diante desses resultados, duas ponderações devem ser feitas. Em primeiro lugar, se considerarmos apenas a conjuntura internacional, o Brasil teria condições de aumentar o seu saldo comercial em 2007. Isso porque a média do crescimento econômico mundial, bem como os indicadores de liquidez internacional, continuaram fortemente favoráveis. É certo que tivemos um crescimento econômico maior, o que determinou um crescimento mais acentuado nas importações. Mas, deve ser considerada a influência negativa da valorização da moeda nacional sobre o resultado comercial, como forma de explicar o maior crescimento das importações frente às exportações.

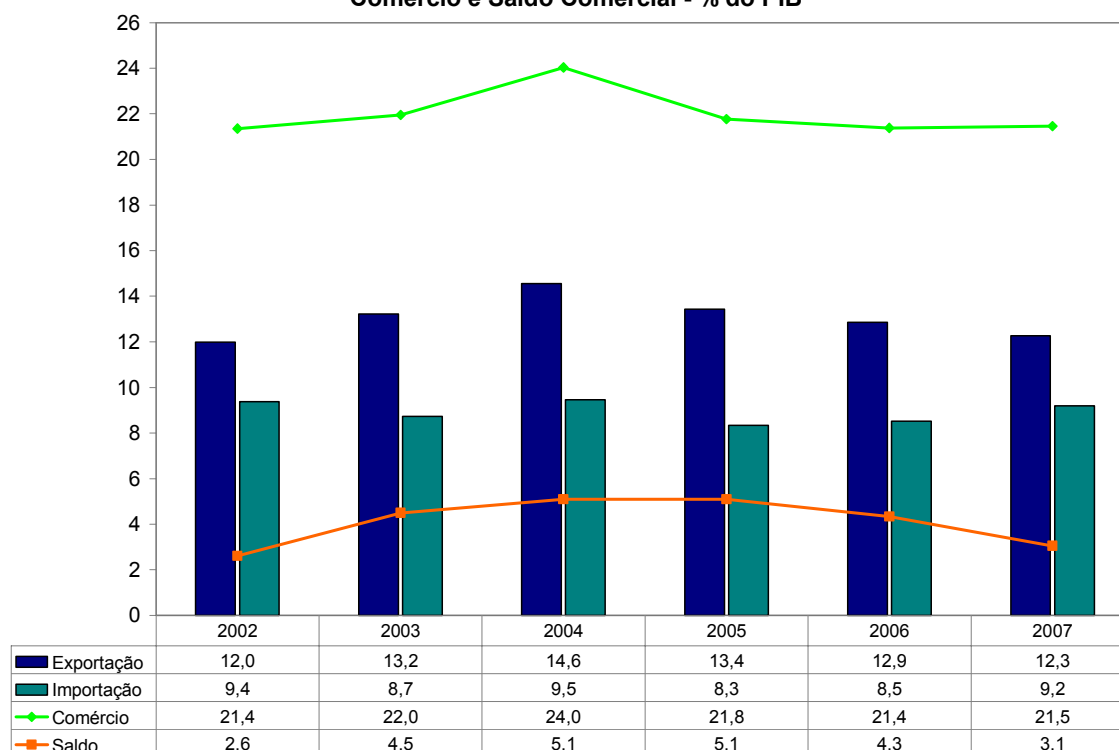
Exportações, Importações, Corrente de Comércio e Saldo Comercial - US\$ Bilhões



Exportações, Importações e Corrente de Comércio Variação Anual em %



Exportações, Importações, Corrente de Comércio e Saldo Comercial - % do PIB



Preço e Quantum.

Assim como em 2006, o crescimento das exportações no último ano foi determinado principalmente pelo aumento dos preços internacionais e apenas de forma secundária pela elevação do quantum exportado (10,5% e 5,5% respectivamente). Em se tratando dos preços, para a categoria básicos houve um significativo crescimento de 14,5% (9,4% em 2006). Já os produtos semi-manufaturados e manufaturados atingiram 10,9% e 8,4%, respectivamente, o que configura um resultado inferior ao obtido em 2006 em comparação a 2005 (18,1% e 12,4%). Os preços da exportação total subiram 10,5% em 2007, enquanto no mesmo período de 2006 o aumento foi de 12,5%.

Com relação ao quantum, a categoria básicos atingiu um resultado bastante positivo de 11,8% (apenas 6,1% no ano anterior). Os produtos semi-manufaturados, por sua vez, tiveram apenas 0,7% de crescimento, enquanto os bens manufaturados registraram 3,2%. Assim, a evolução do quantum de exportação em 2007 chegou a 5,5%, contra um aumento de 3,3% no ano anterior.

A observação que se faz pertinente diz respeito à conjuntura internacional, que ainda se apresentou de forma favorável na média de 2007, a ponto de ensejar aumentos expressivos de preços, inclusive de bens manufaturados. Em parte, a variação de preços deu origem a uma compensação das perdas dos exportadores brasileiros em decorrência da valorização cambial. A contrapartida disso, especialmente em um prazo maior, é a perda de competitividade que pode levar à redução de participação de produtos brasileiros em mercados de exportação.

**Varição de Preço, *Quantum* e Valor
de Exportação e Importação - Anual**

	Preço	<i>Quantum</i>	Valor
2006			
Exportação	12,5%	3,3%	16,3%
Básicos	9,4%	6,1%	16,0%
Seminauf.	18,1%	3,5%	22,3%
Manufat.	12,4%	2,2%	14,8%
Importação	6,9%	16,1%	24,1%
2007			
Exportação	10,5%	5,5%	16,6%
Básicos	14,5%	11,8%	28,1%
Seminauf.	10,9%	0,7%	11,7%
Manufat.	8,4%	3,2%	11,9%
Importação	8,2%	22,0%	32,1%

Fonte: Funcex.

Do lado das importações, o quantum se manteve crescente em 2007, acompanhando o que ocorreu em 2006, porém com mais intensidade (22,0% em 2007 contra 16,1% em 2006). Mais uma vez, o quantum importado foi o principal elemento explicativo do crescimento das importações. Isso pode ser explicado, ao menos em alguma medida, pela recente valorização do Real aliado ao bom desempenho da economia brasileira.

Importação e Exportação.

Os quadros abaixo evidenciam os seguintes pontos a respeito das exportações e importações em 2007:

- ✓ O crescimento das exportações em valor do setor básicos (28,1%) foi considerável e superior ao obtido em 2006. Já os setores de semi-manufaturados e manufaturados obtiveram um crescimento de 11,7% e 11,9% respectivamente, considerando o mesmo intervalo de tempo;
- ✓ O setor que apresentou pior desempenho em 2007 foi o de semi-manufaturados;
- ✓ A contribuição dos setores para o crescimento das exportações teve alterações expressivas quando comparado ao ano de 2006 (com relação a 2005). O setor de manufaturados (39,1% de contribuição) perdeu sua liderança, tendo em vista que foi ultrapassado pelo segmento básicos (49,5% de contribuição). Note-se que em 2006 o setor de manufaturados contribuiu com 49,9%, enquanto os produtos básicos com 29,0%;
- ✓ Já as importações segundo as categorias de uso mostraram que o maior destaque pelo lado do crescimento em 2007 foi o segmento de bens e consumo duráveis, com 51,1%, seguido pelos bens de capital (35,9%) e combustíveis (33,1%). Levando em conta a contribuição para o aumento das importações, a liderança foi de bens intermediários, respondendo por 55,3% do aumento (50% em igual período de 2006). Os outros segmentos tiveram contribuições muito pouco expressivas se comparadas a este último.

Exportação Brasileira - 2007/2006 - US\$ Milhões

	Valor		Var. %	Participação%		Contribuição %
	2007	2006		2007	2006	
Básicos	51.596	40.285	28,1	32,1	29,2	49,5
Industrializados	105.743	94.541	11,8	65,8	68,6	49,0
Semimanufaturados	21.800	19.523	11,7	13,8	14,2	10,0
Manufaturados	83.943	75.018	11,9	52,3	54,4	39,1
Op. Especiais	3.311	2.981	11,0	2,1	2,2	1,4
Total	160.649	137.808	16,6	100,0	100,0	100,0

Fonte: Funcex.

Importação Brasileira - 2007/2006 - US\$ Milhões

	Valor		Var. %	Participação%		Contribuição %
	2007	2006		2007	2006	
Bens de Capital	16.836	12.390	35,9	14,0	13,6	15,2
Bens Intermediários	70.413	54.228	29,8	58,4	59,4	55,3
Bens de Consumo	12.964	9.387	38,1	10,7	10,3	12,2
Não-duráveis	7.976	6.087	31,0	6,6	6,7	6,5
Duráveis	4.988	3.300	51,1	4,1	3,6	5,8
Combustíveis	20.408	15.337	33,1	16,9	16,8	17,3
Total	120.621	91.343	32,1	100,0	100,0	100,0

Fonte: Funcex.

Destino das Exportações.

Do ponto de vista do destino das exportações, alguns resultados do ano de 2007 merecem comentários:

- ✓ O maior destaque positivo das vendas externas brasileiras no ano de 2007 foi, sem nenhuma dúvida, a União Européia. O crescimento atingiu 30,2% com relação ao ano de 2006 – o maior dentre todos os blocos econômicos. Como resultado de tal expansão, esse bloco econômico tornou-se o principal destino das vendas brasileiras, superando o NAFTA, e foi responsável pela maior contribuição para o aumento das exportações, com 41,1%;
- ✓ Deve-se chamar atenção também para o aumento das exportações para a AELC e para o Mercosul devido a sua intensidade. No primeiro caso houve um crescimento de 26,1% e no segundo, de 24,1%;
- ✓ A Ásia obteve uma importante contribuição (18,7%). Além disso, o crescimento das vendas para este continente foi considerável: 20,5%;
- ✓ A China foi também um dos grandes destaques positivos das exportações brasileiras, seguindo o que ocorreu em 2006. Tanto em termos de crescimento das vendas externas, quanto com relação à contribuição para o aumento das exportações brasileiras os resultados foram positivos (respectivamente 27,9% e 10,3%);

- ✓ Considerando os aspectos negativos, houve um crescimento, em 2007, muito pouco expressivo das exportações para um dos principais mercados, os EUA, com apenas 2,2%. Conseqüentemente, as vendas para o NAFTA cresceram somente 1,3%, fazendo com que esse bloco deixasse de ser o principal destino das exportações do país. Cabe também ressaltar que, em 2006, o desempenho das vendas externas nesses dois casos seguiu um caminho semelhante, o que pode caracterizar uma estagnação desses mercados para os produtos brasileiros.

Exportação Brasileira- Principais Blocos - 2007/2006- US\$ Milhões

	Valor		Var %	Participação %		Contri- buição %
	2007	2006		2007	2006	
Continentes e Blocos Econômicos						
Nafta	31.936	31.512	1,3	19,9	22,9	1,9
União Européia	40.428	31.045	30,2	25,2	22,5	41,1
Aladi	14.812	13.051	13,5	9,2	9,5	7,7
Mercosul	17.354	13.986	24,1	10,8	10,1	14,7
Aelc	1.808	1.434	26,1	1,1	1,0	1,6
Europa Oriental	4.309	3.892	10,7	2,7	2,8	1,8
Oriente Médio	6.399	5.749	11,3	4,0	4,2	2,8
Ásia	25.086	20.816	20,5	15,6	15,1	18,7
África	8.578	7.456	15,1	5,3	5,4	4,9
Oceânia	702	598	17,4	0,4	0,4	0,5
Países						
Argentina	14.417	11.740	22,8	9,0	8,5	11,7
China	10.749	8.402	27,9	6,7	6,1	10,3
Estados Unidos	25.314	24.773	2,2	15,8	18,0	2,4
Total	160.649	137.808	16,6	100,0	100,0	100,0

Fonte: Funcex.

Panorama Setorial

Vistos esses resultados gerais, o objetivo é identificar setores e grupos de setores que mais contribuíram para o desempenho do comércio exterior brasileiro no ano de 2004. Adotamos uma classificação do trabalho do Banco Mundial, *From Natural Resources to the Knowledge Economy Trade and Job Quality*, 2002, com algumas adaptações. A principal delas consiste na desagregação do setor de “maquinaria” do trabalho original, que foi subdividido em quatro segmentos:

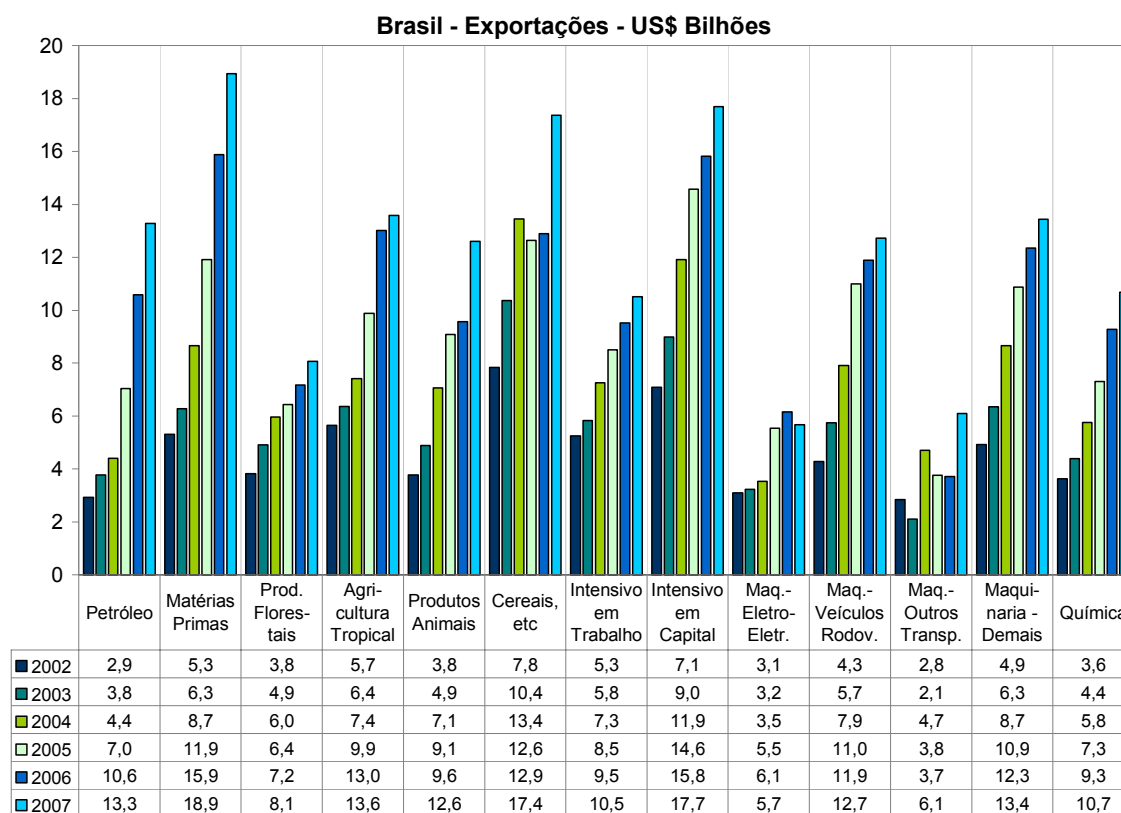
- ✓ maquinaria-veículos rodoviários (indústria automobilística e autopeças);
- ✓ maquinaria-eletrônica (componentes eletrônicos, computadores, aparelhos e equipamentos de telecomunicações);
- ✓ maquinaria-outros de transporte (aviões, vagões, embarcações, outros);
- ✓ maquinaria-demais (bens de capital, implementos e tratores agrícolas).

Dado esse procedimento, da divisão setorial do trabalho original em dez grupos ou setores (Petróleo, Matérias Primas, Produtos Florestais, Agricultura Tropical, Produtos Animais, Cereais etc, Intensivo em Trabalho, Intensivo em Capital, Maquinaria e Química), resultaram 13 setores. Notar que o setor “Cereais etc” da classificação original inclui trigo, além de destacados itens de exportação brasileira, como o complexo soja (soja em grãos, farelo e óleo de soja) e milho.

Os dados originais utilizados neste trabalho são da Secex (Secretaria de Comércio Exterior do MDIC), adaptados para a classificação SITC (*Standard International Trade Classification*) da ONU, revisão 3 a três dígitos, que reúne 261 setores. Esses setores foram então classificados segundo o critério acima estabelecido.

Exportação.

Os dados mostram aumento das exportações em 2007 com relação a 2006 em todos os setores, com exceção do setor *maquinaria-eleto-eletrônica*. Cabe ressaltar que esses aumentos foram significativos em vários setores, com destaque para *maquinaria outros de transporte, cereais e produtos animais*.

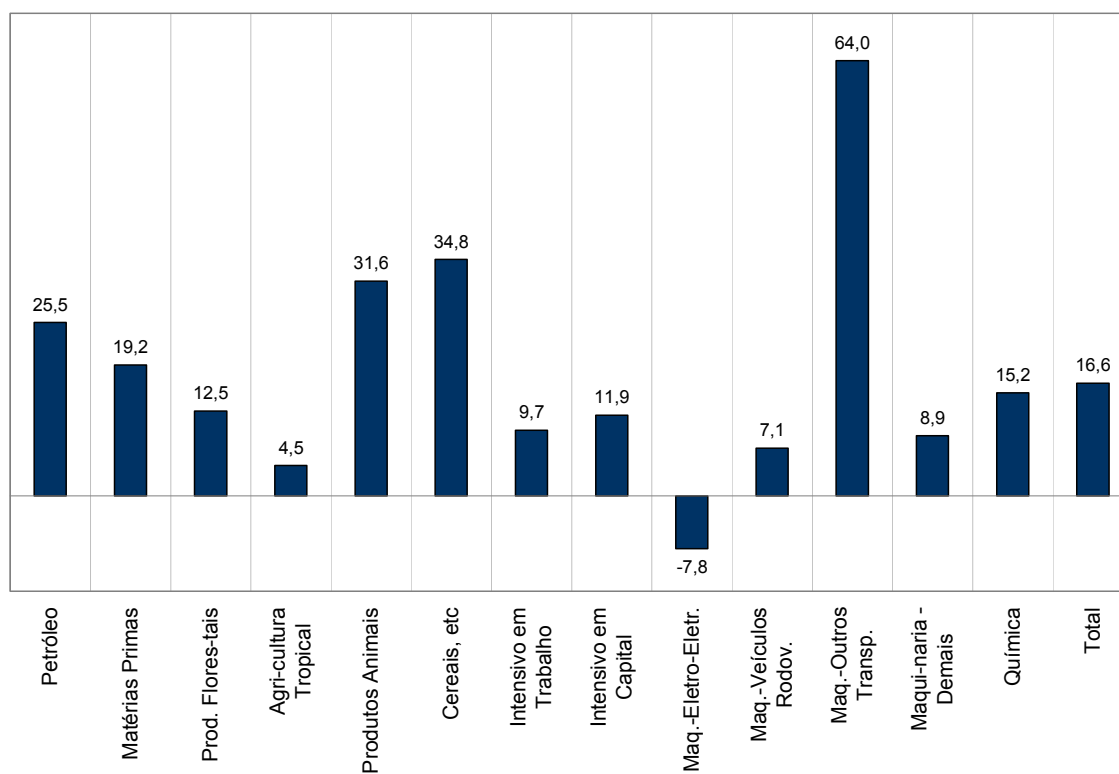


Levando em consideração as exportações divididas por setor em 2007, os seguintes resultados devem ser sublinhados:

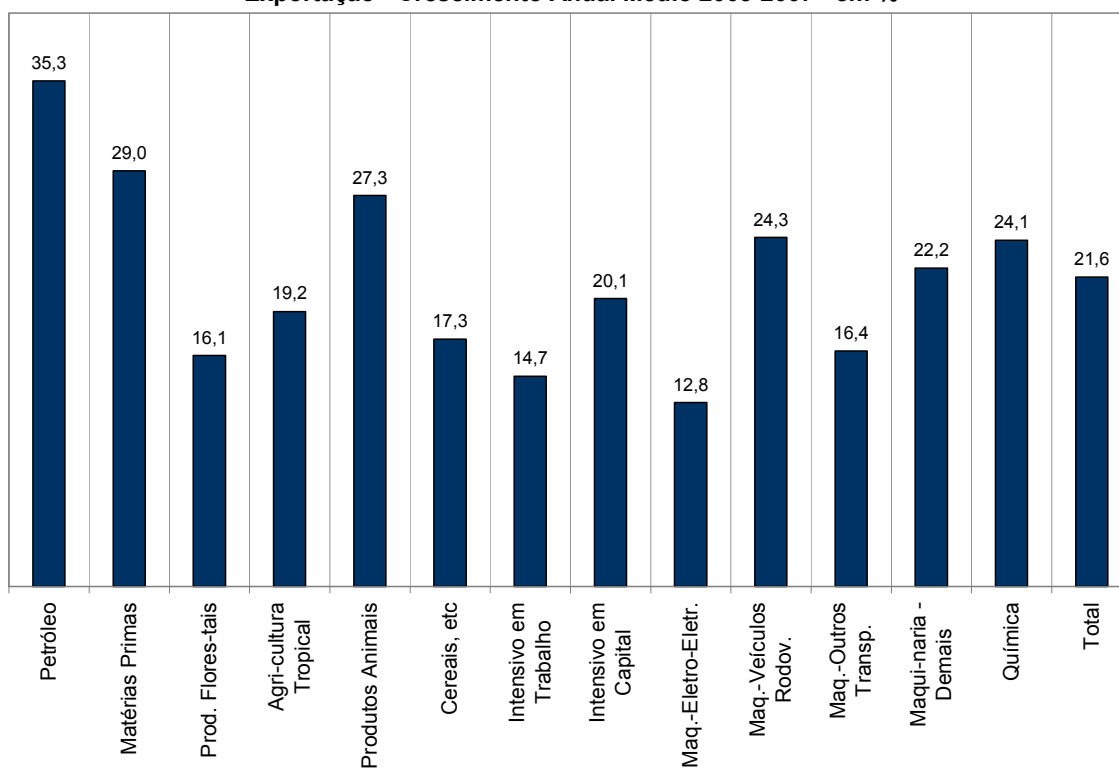
- ✓ O setor de *matérias primas* manteve-se, em 2007, como o maior segmento exportador da economia brasileira, acima dos produtos *intensivos em capital* e do segmento de *cereais*. Em 2005, as *matérias primas* figuravam apenas em terceiro lugar. O principal sub-setor a ser considerado é minérios metálicos e sucata (aumento de 22,8%);
- ✓ O segmento *maquinaria outros de transporte* foi o que atingiu maior crescimento com relação ao ano anterior, 64,0%. Em 2005 e em 2006, esse segmento apresentou decréscimo de suas vendas externas, obtendo uma grande recuperação em 2007. As vendas de aeronaves (aumento de 47,1%) e também de navios (expansão de 2.335,0%, porém com base pequena) merecem destaque;
- ✓ Outros dois setores cresceram substancialmente em 2007: *cereais* e *produtos animais*. O primeiro teve uma expansão de 34,8%, o que significou um resultado muito superior aos fracos desempenhos de 2005 e 2006 (respectivamente -6,0 e 2,4%) e garantiu o terceiro lugar entre os segmentos de exportação. Os destaques foram as vendas de milho com um aumento de 298,2%, além de soja. Já as exportações de *produtos animais* cresceram 31,6%, mantendo a forte tendência de expansão dos últimos anos;
- ✓ Com desempenhos superiores a 10% estão os seguintes setores: *petróleo* (25,5%), *matérias primas* (19,2%), *química* (15,2%), *produtos florestais* (12,5%), *intensivo em capital* (11,9%) e *intensivo em trabalho* (10,4%). Contudo, todos esses segmentos tiveram resultados consideravelmente inferiores à média dos anos anteriores;
- ✓ Três setores figuram entre os que cresceram em até 10%. O segmento *maquinaria demais* teve uma expansão de 8,9%, enquanto os setores *maquinaria veículos rodoviários* e *agricultura tropical* tiveram aumentos de 7,1% e 4,5%, respectivamente. Isso caracteriza um crescimento bastante inferior à média obtida nos últimos anos;
- ✓ O único setor com crescimento negativo foi o de *maquinaria-eleto-eletrônica* com -7,8%, rompendo o ciclo de crescimento dos últimos anos. O principal sub-setor que contribuiu para o desempenho negativo foi o de telecomunicações, reproduções (-25,0%).

Os gráficos a seguir ilustram os comentários acima:

Exportação - Crescimento - 2007-2006 - em %



Exportação - Crescimento Anual Médio 2003-2007 - em %



Importação

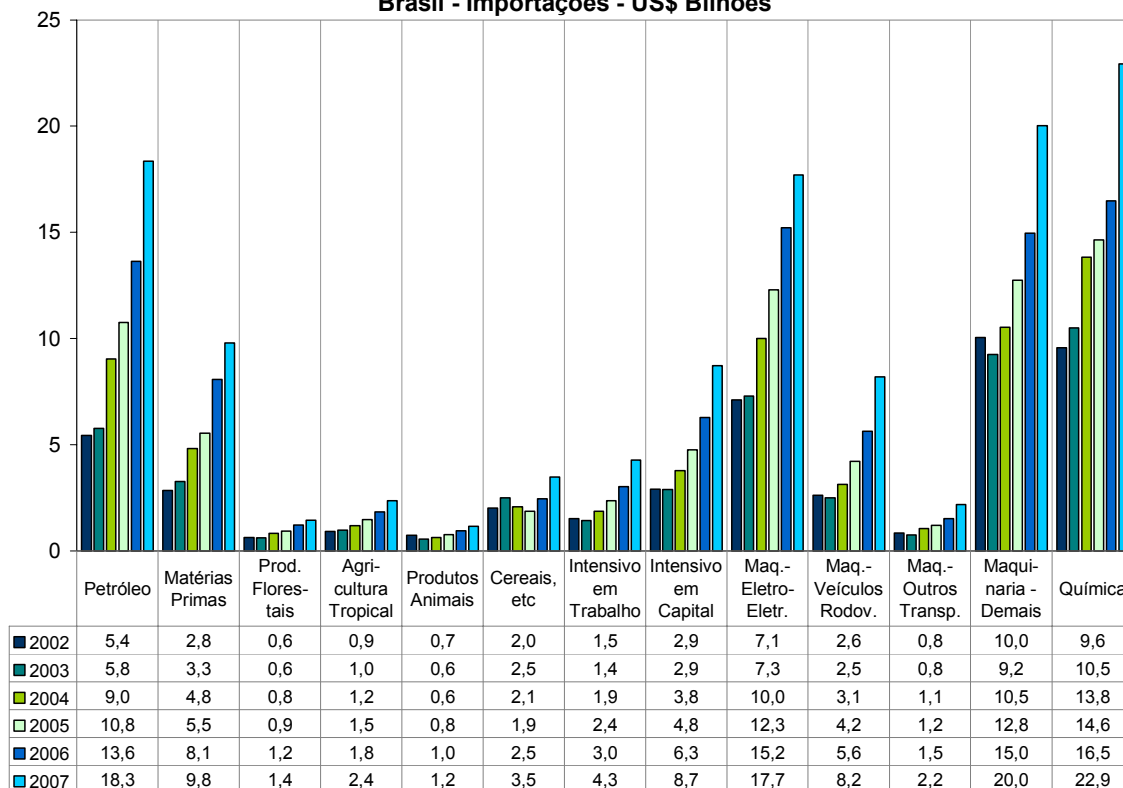
Em relação às importações, o crescimento em 2007 foi geral, com apenas os setores de *produtos florestais* e *maquinaria eletro eletrônica* ficando abaixo de 20%. É importante ressaltar que essa situação vem se repetindo nos últimos anos e que em 2007 alguns setores experimentaram avanços substanciais. Destacaram-se, com relação a 2006, obtendo um crescimento superior a 40%, os setores de: *maquinaria veículos rodoviários* (45,2%), *maquinaria-outras-de-transporte* (43,2%), *cereais* (41,3%) e *intensivo em trabalho* (40,6%).

Os segmentos que mais contribuíram para o crescimento de 32,0% das compras externas (US\$ 29,1 bilhões) no último ano com relação a 2006 foram os seguintes: *química* (US\$ 6,4 bilhões), *maquinaria-demais* (US\$ 5,0 bilhões) e *petróleo* (R\$ 4,7 bilhões).

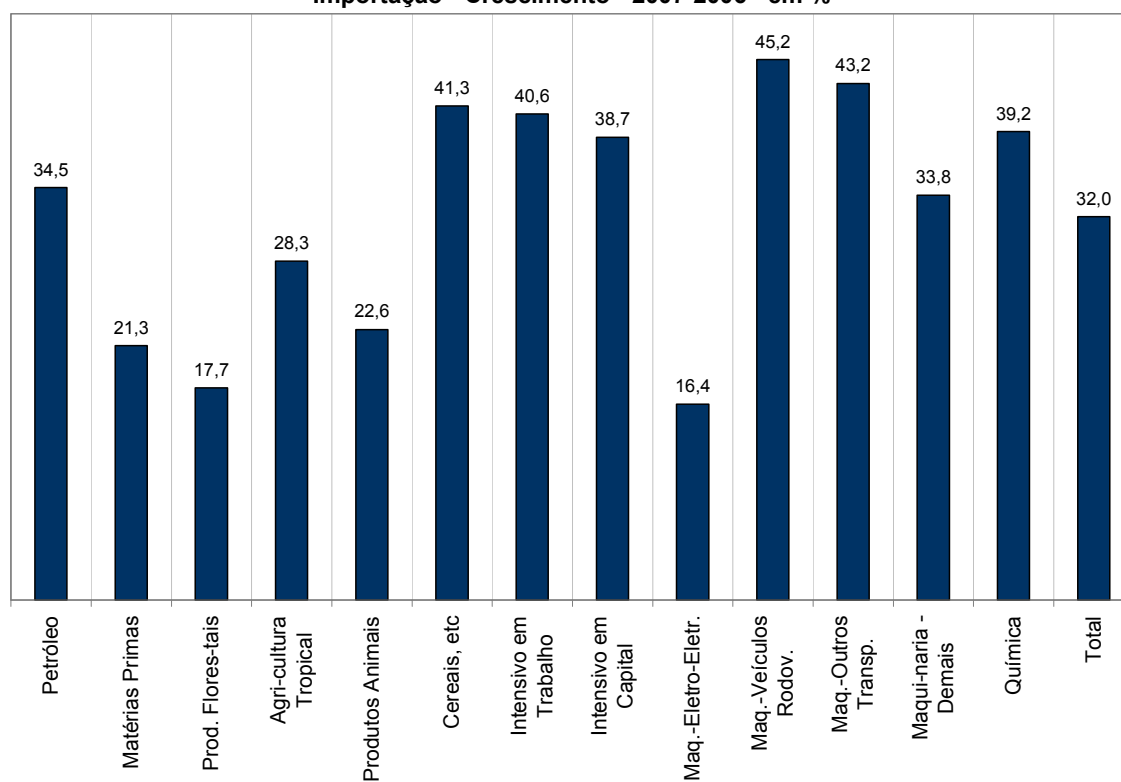
Os seguintes resultados relativos a 2007 devem ser mencionados de acordo com os gráficos abaixo:

- ✓ Todos os setores citados como tendo as maiores taxas de crescimento entre os anos de 2007 e 2006 (*maquinaria veículos rodoviários*, *maquinaria-outras-de-transporte*, *cereais* e *intensivo em trabalho*) tiveram taxas muito superiores à média entre 2003 e 2007;
- ✓ O segmento *maquinaria veículos rodoviários* foi especialmente influenciado pelas compras de automóveis (expansão de 63,1%) e partes e equipamentos de veículos a motor (aumento de 44,4%). Já o setor de *maquinaria outras de transporte* foi especialmente influenciado pelas compras externas de aeronaves (53,5%) e navios e barcos (126,2%);
- ✓ O setor de *cereais*, que tradicionalmente é responsável por uma parte importante das exportações brasileiras, teve em 2007 uma expansão muito forte de suas compras externas (em 2006 tal expansão havia sido de 31,2% e negativa em alguns períodos anteriores). Esse resultado foi determinado pelos sub-setores cereais e preparados de cereais – especialmente trigo (40,1%);
- ✓ O aumento das importações dos produtos *intensivos em trabalho* se deu pelas compras do sub-setor de calçados (crescimento de 49,0%) e artigos manufaturados. Ainda assim, este segmento representa uma parte muito pequena das importações do país;
- ✓ O principal setor importador da economia permanece sendo o de *química*. Em segundo e terceiro lugares estão respectivamente os segmentos de *maquinaria-demais* e *petróleo*. A evolução do sub-setor de fertilizantes (elevação de 92,4%) foi determinante para a liderança dos químicos. Note-se que em 2006 as compras externas vinculadas a este setor cresceram 13,0%, enquanto a expansão foi de 39,2% em 2007;
- ✓ Os setores *intensivo em capital* (38,7%), *maquinaria demais* (33,8%), *agricultura tropical* (28,3%), *produtos animais* (22,6%) e *matérias primas* (21,3 %) tiveram aumentos superiores a 20%. Isto implica um crescimento superior à média entre 2003 e 2007 para todos eles, com exceção do setor de *matérias primas*;
- ✓ O único segmento com um baixo crescimento relativo das importações foi o de *maquinaria-eletrônica*, 16,4%, contra 20,0% na média entre 2003 e 2007. Cabe notar também que o setor de *produtos florestais* manteve sua trajetória de crescimento moderado das importações.

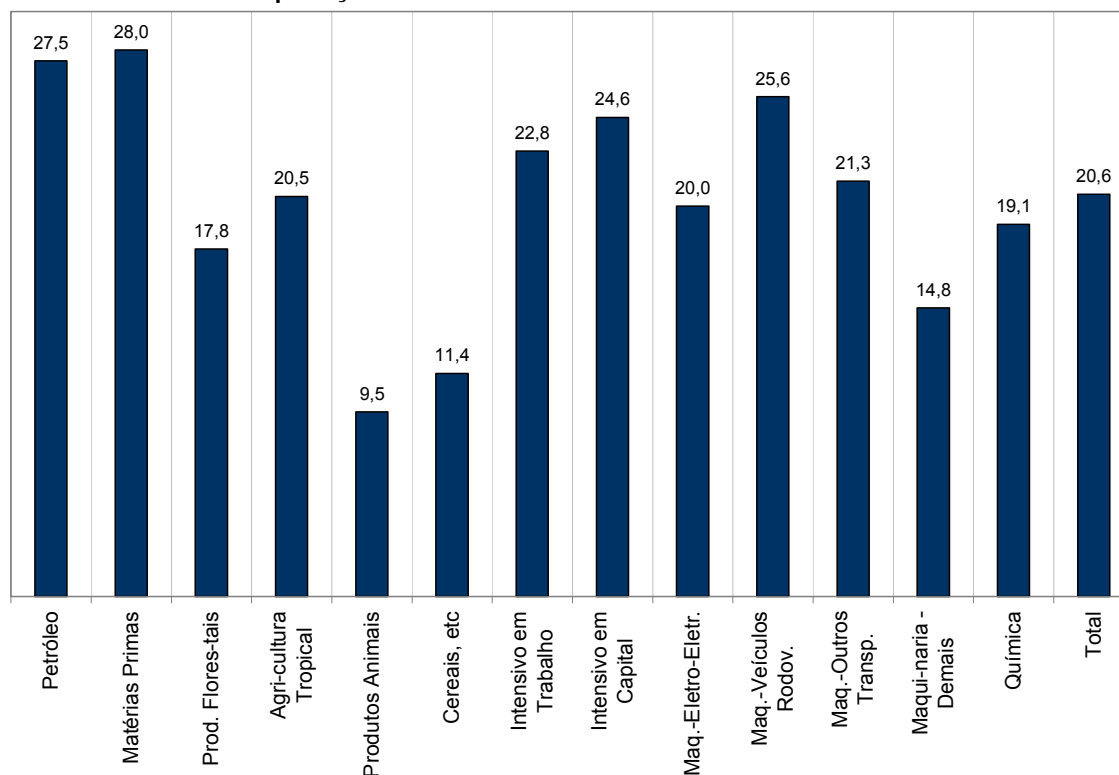
Brasil - Importações - US\$ Bilhões



Importação - Crescimento - 2007-2006 - em %



Importação - Crescimento Anual Médio 2003-2007 - em %



Saldo Comercial

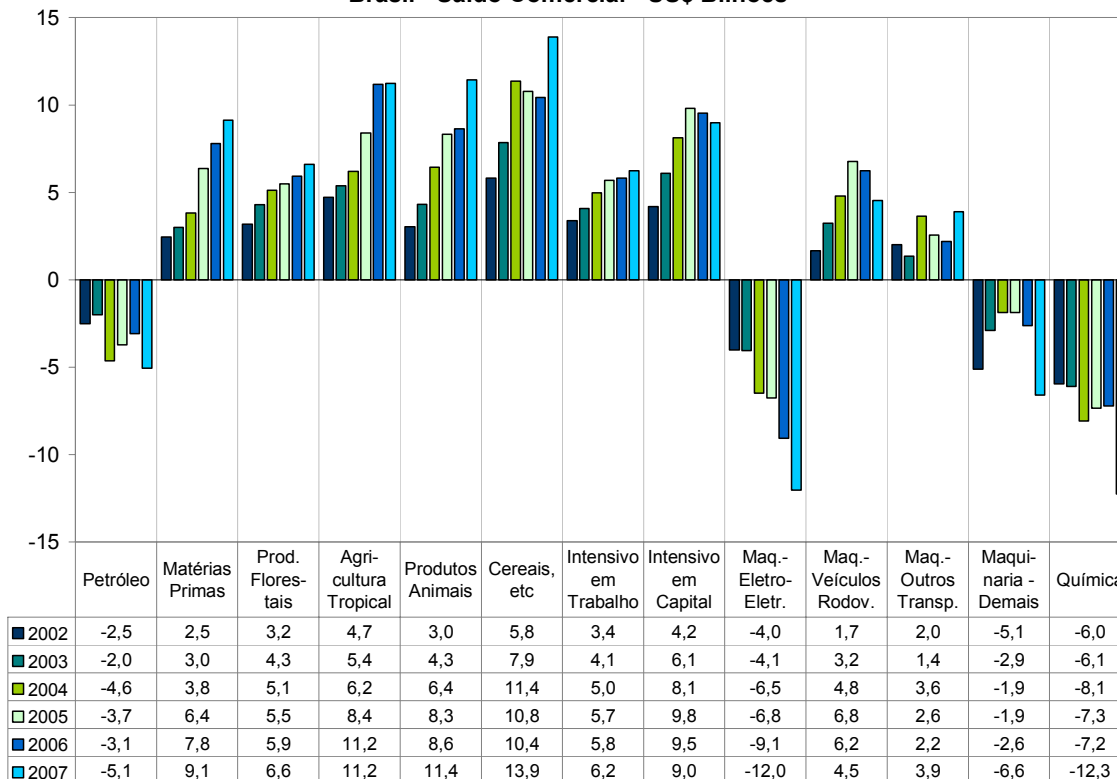
No que se refere à geração de saldos comerciais, no ano de 2007, ao contrário de 2006 (destaque para agricultura tropical), o maior gerador foi o segmento de *cereais* com US\$ 13,9 bilhões ou 34,7% do saldo comercial total, mesmo com um grande aumento de suas compras externas em razão das importações de trigo. Em seguida está o setor de *produtos animais*, com US\$ 11,4 bilhões ou 28,6% do total. Em terceiro, o segmento *agricultura tropical* (café, açúcar, frutas como destaques), respondendo por 28,0% do saldo (US\$ 11,2 bilhões). Além disso, o setor *matérias primas* desponta como outro grande gerador de saldo, respondendo por 22,8% do total.

Pelo lado dos setores deficitários, encontra-se novamente em primeiro lugar o setor de *química* com uma contribuição negativa de 30,6%, seguido pelo segmento *maquinaria-eletrônica* (responsável por -30,1% do saldo comercial), *maquinaria-demais* (-16,4%) e *petróleo* (-12,7%). Vale ressaltar que o segmento *química* aumentou consideravelmente sua participação negativa no saldo comercial brasileiro.

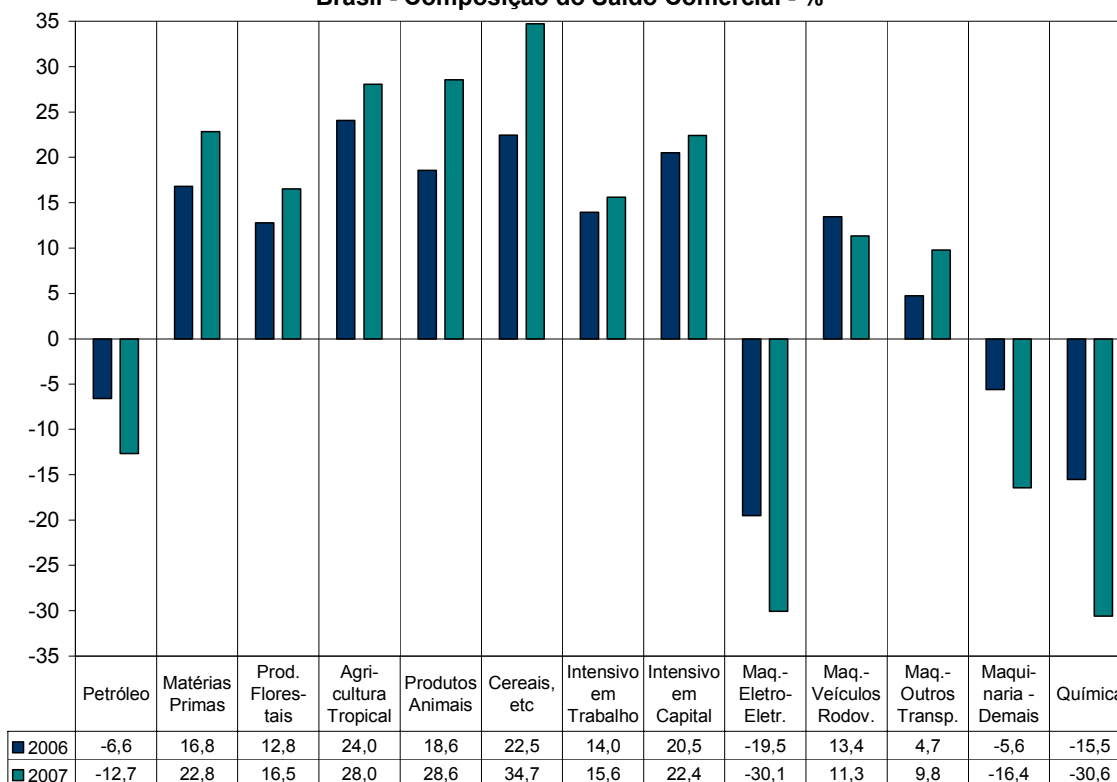
Em suma, os resultados mostram uma retomada da capacidade geradora de saldo do setor de *cereais* (destaque para soja e milho) e a manutenção da queda do segmento *intensivo em capital*. Mesmo assim, os macro-setores tradicionais exportadores e geradores de saldo comercial da economia brasileira mantiveram-se nessa situação, com destaque para o crescimento do segmento de *maquinaria outros veículos de transporte*. Por outro lado, os setores tradicionalmente deficitários mantêm-se dessa maneira e em todos os casos ampliaram sua participação negativa.

Os gráficos abaixo mostram os resultados comentados:

Brasil - Saldo Comercial - US\$ Bilhões



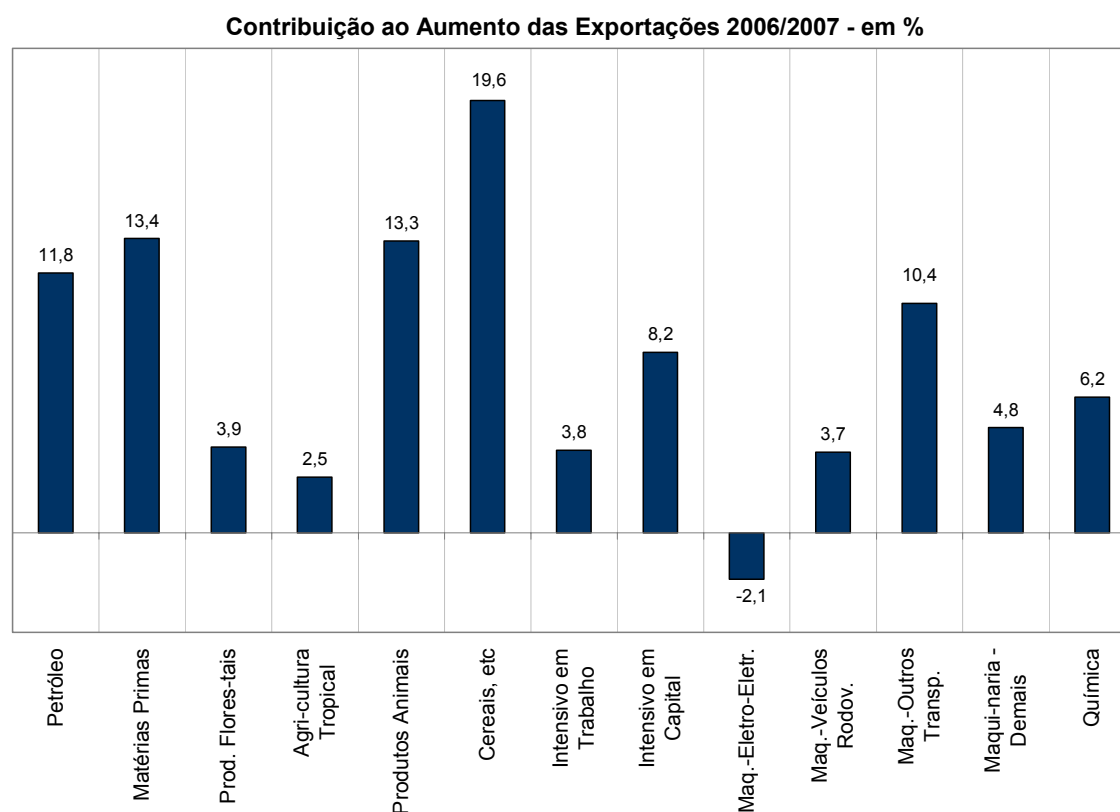
Brasil - Composição do Saldo Comercial - %



Contribuição para o Aumento das Exportações.

O aumento das exportações de US\$ 22,8 bilhões em 2007 teve contribuições importantes de diversos setores, com apenas um deles despontando em relação aos outros, qual seja, o de *cereais*, responsável por 19,6% do aumento das vendas para o exterior. Cabe destacar ainda os seguintes segmentos por terem atingido uma contribuição superior a 10%: *matérias primas* (13,4%), *produtos animais* (13,3%), *petróleo* (11,8%) e *maquinaria outros de transporte* (10,4%). Com exceção deste último, em todos os demais setores predomina a produção não-industrial.

De outro lado, dentre os setores de baixa contribuição ao aumento das exportações em 2007, a dominância dos segmentos industriais é quase integral, excetuando-se *agricultura tropical* (contribuição de 2,5%). O pior desempenho veio do setor *maquinaria-eleto-eletrônica* com uma contribuição para o aumento das exportações de -2,1%; *maquinaria – veículos rodoviários* (contribuição de 3,7%); *produtos intensivos em trabalho* (3,8%); *produtos florestais* (3,9%); *maquinaria - demais* (4,8%); *química* (6,2); *intensivo em capital* (8,2%).



Certas análises sustentam não haver sinais de que o processo econômico atual, em particular quanto à excessiva valorização do Real, esteja levando ao recuo da importância da indústria

na economia do Brasil, assim como ao recuo dos setores de maior industrialização na estrutura industrial. De fato, existem apenas indicações desses processos nas informações mais atualizadas da estrutura industrial brasileira, mas não poderia ser diferente. Ao contrário dos dados de evolução industrial que acusam de imediato ou com defasagem de 1 a 2 meses os sinais de expansão ou de retração da indústria, os dados de estrutura econômica e do setor – os únicos capazes de captar tal processo – têm a dimensão de médio e, sobretudo, de longo prazo.

É necessário que aqueles que formulam a política econômica atentem para a dinâmica exportadora. Em uma economia aberta à globalização, como a brasileira, a competitividade exportadora tem a propriedade de antecipar as tendências de sua estrutura industrial. Não custa às autoridades econômicas considerar os resultados aqui apontados. Nem a aceleração do crescimento da indústria no ano passado, nem os bons números globais do comércio exterior que ainda prevaleceram em 2007, motivados pela grande demanda mundial dos bens brasileiros exportados, especialmente os produtos primários e commodities industriais, devem mudar o foco da visão do desenvolvimento que necessariamente supera o horizonte restrito dos resultados de curto prazo.

Buscar uma taxa de câmbio mais condizente para a competitividade dos setores que exigem maior industrialização, progredir mais celeremente na direção de assegurar equidade entre as condições internas e as que vigoram em países concorrentes (em itens como encargos menos onerosos sobre o trabalho, devolução de tributos pagos pelo exportador, menor custo e superior qualidade da infra-estrutura) e, ainda, promover políticas industriais e de inovação mais efetivas, são atitudes e ações que não deveriam sair do foco da política econômica.

Exportação e Importação por Intensidade Tecnológica na Indústria de Transformação

O mesmo exercício feito para os setores foi realizado para certas categorias de agregações por intensidade tecnológica da indústria de transformação (detalhes da metodologia e significado das classificações adotadas no anexo). Foi utilizado o critério de conteúdo tecnológico dos produtos da indústria de transformação, segundo a OCDE, discriminando setores de alta, média-alta, média-baixa e baixa intensidade tecnológica.

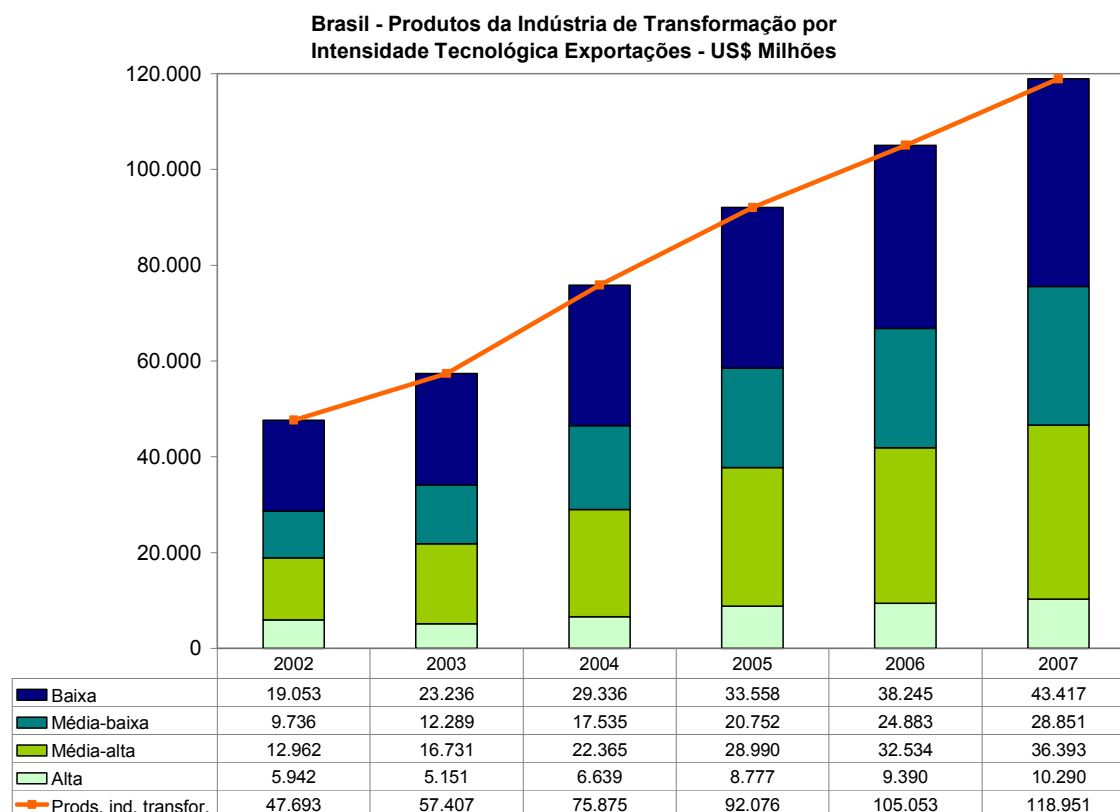
Exportação

Para o ano de 2007, os resultados mostram que as exportações da indústria de transformação tiveram uma expansão praticamente equivalente (US\$ 13,9 bilhões ou 13,2%) ao aumento obtido em 2006 com relação a 2005 (14,1%). Tal expansão, ao contrário de outros anos, foi distribuída pelos diferentes segmentos por intensidade tecnológica da indústria de transformação. Os produtos de baixa e média-baixa intensidade tecnológica preservaram suas

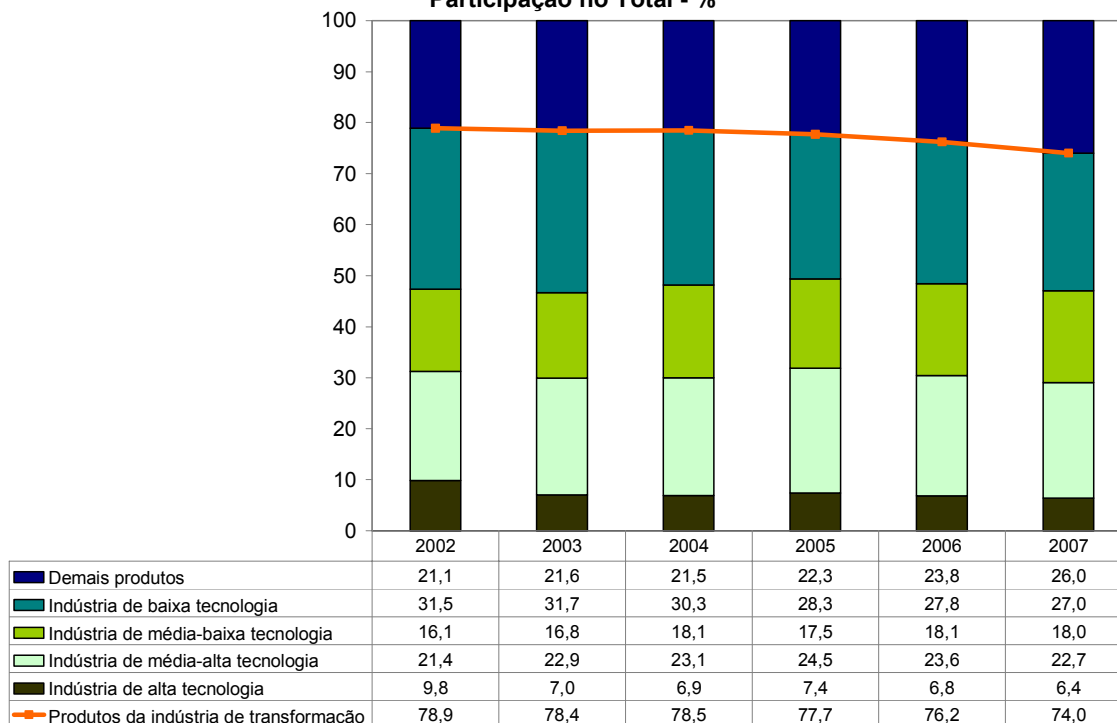
posições em termos de expansão, respectivamente 13,5% e 15,9%, ao passo que as duas outras classes atingiram um crescimento em torno de 10%.

Dentre os sub-setores das duas primeiras classes de produtos citadas, o único que merece destaque é a indústria naval, devido ao crescimento muito expressivo de suas vendas, apesar de um volume ainda baixo. No que diz respeito às exportações do setor de média alta intensidade, vale ressaltar que a expansão das vendas de produtos químicos cresceu 19,1%. Já o setor de alta intensidade tecnológica foi negativamente influenciado pela queda das exportações do sub-setor áudio, vídeo e telecomunicações, tendo, por outro lado, uma influencia positiva das vendas da indústria aeronáutica (aumento de 39,0%).

Ademais, deve-se destacar que os produtos de baixa intensidade tecnológica dentro da indústria de transformação respondem pela maior parte das exportações em todos os períodos analisados, inclusive em 2007 (27,0% neste último período). Em seguida estão os segmentos de média alta intensidade tecnológica (22,7%) e de média baixa com 18,0% de participação. O setor de alta intensidade tecnológica corresponde a um montante pequeno das vendas externas, obtendo sua menor participação nos últimos seis períodos analisados, de 6,4%.



**Brasil - Produtos da Indústria de Transformação por
Intensidade Tecnológica e Demais Produtos Exportações**
Participação no Total - %



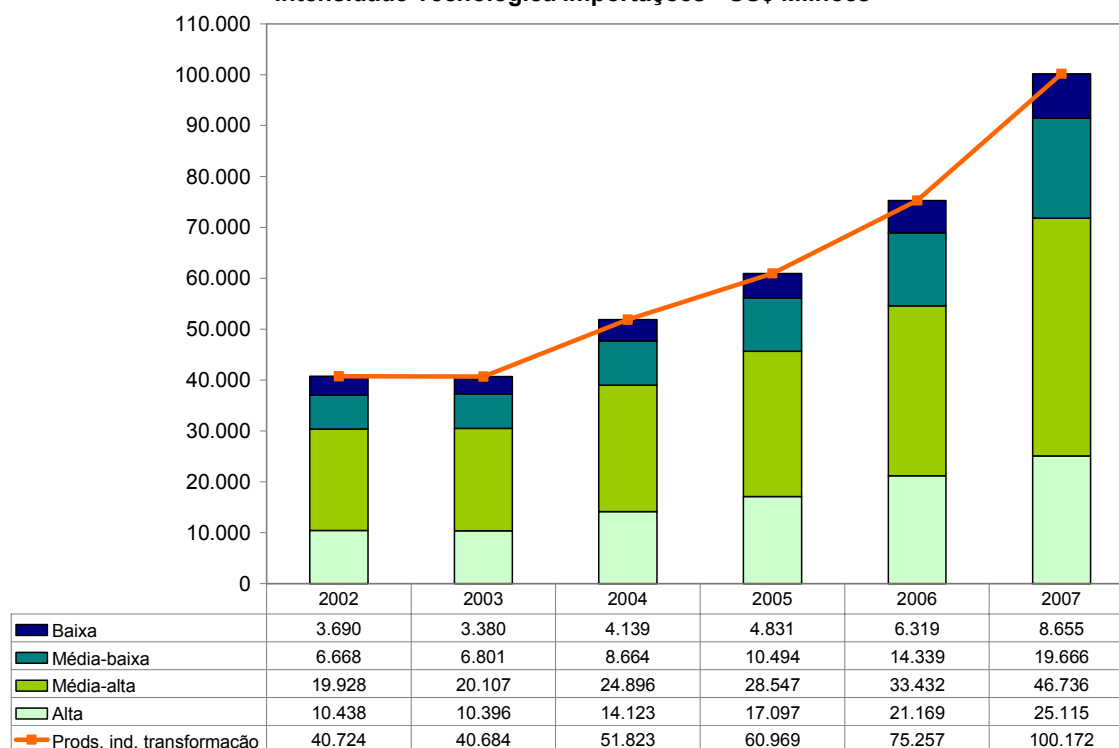
Importação

Do lado das importações, houve um aumento muito maior relativamente ao obtido pelas exportações. No segmento de média-alta intensidade, o crescimento chegou a 39,8%, enquanto nos setores de média-baixa intensidade (37,2%) e baixa intensidade (37,0%) a expansão foi ligeiramente inferior. No caso do segmento de alta intensidade, ocorreu um crescimento relativamente pequeno, de 18,4%.

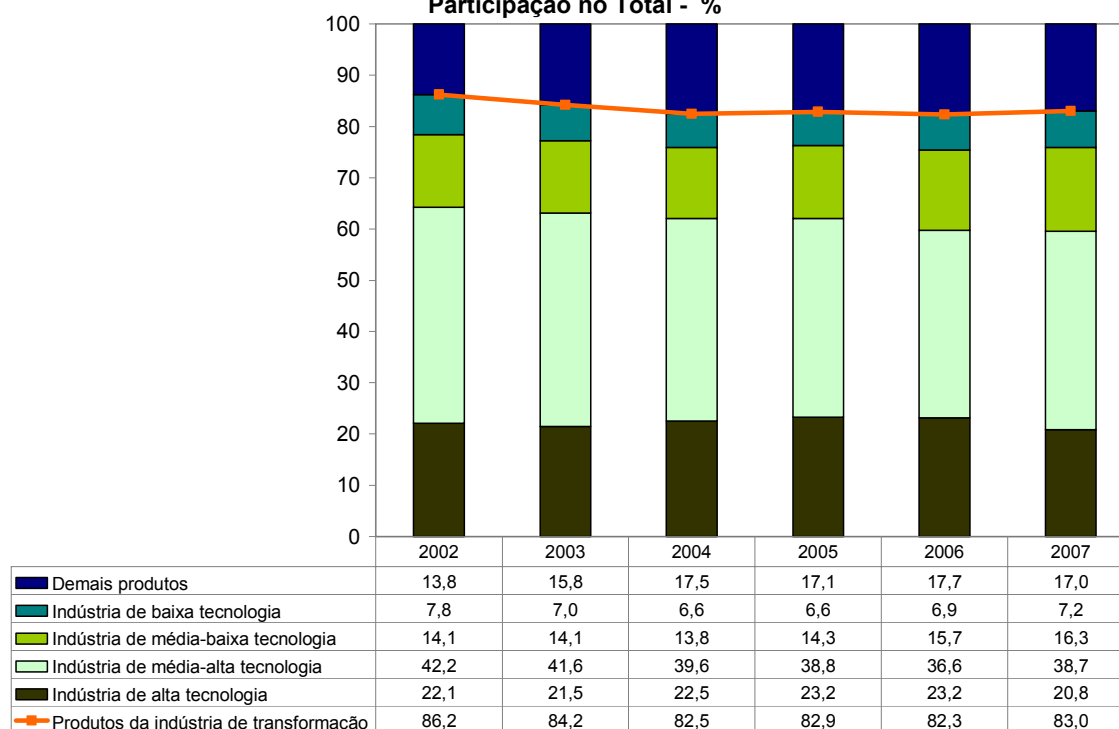
Pode-se observar, também, que o setor de média-alta tecnologia é de longe o maior responsável pelas importações (38,7% do total em 2007), vindo em seguida o segmento de alto conteúdo tecnológico com uma participação de 20,8%. Os outros dois segmentos possuem participações mais baixas.

Isto configura uma situação quase oposta à que ocorre com as exportações. Em outras palavras, o Brasil vende produtos com baixo grau de conteúdo tecnológico para o exterior e importa bens com um grau mais elevado. Nota-se que essa situação se intensificou em 2007.

Brasil - Produtos da Indústria de Transformação por Intensidade Tecnológica Importações - US\$ Milhões



Brasil - Produtos da Indústria de Transformação por Intensidade Tecnológica e Demais Produtos Importações Participação no Total - %



Saldo Comercial

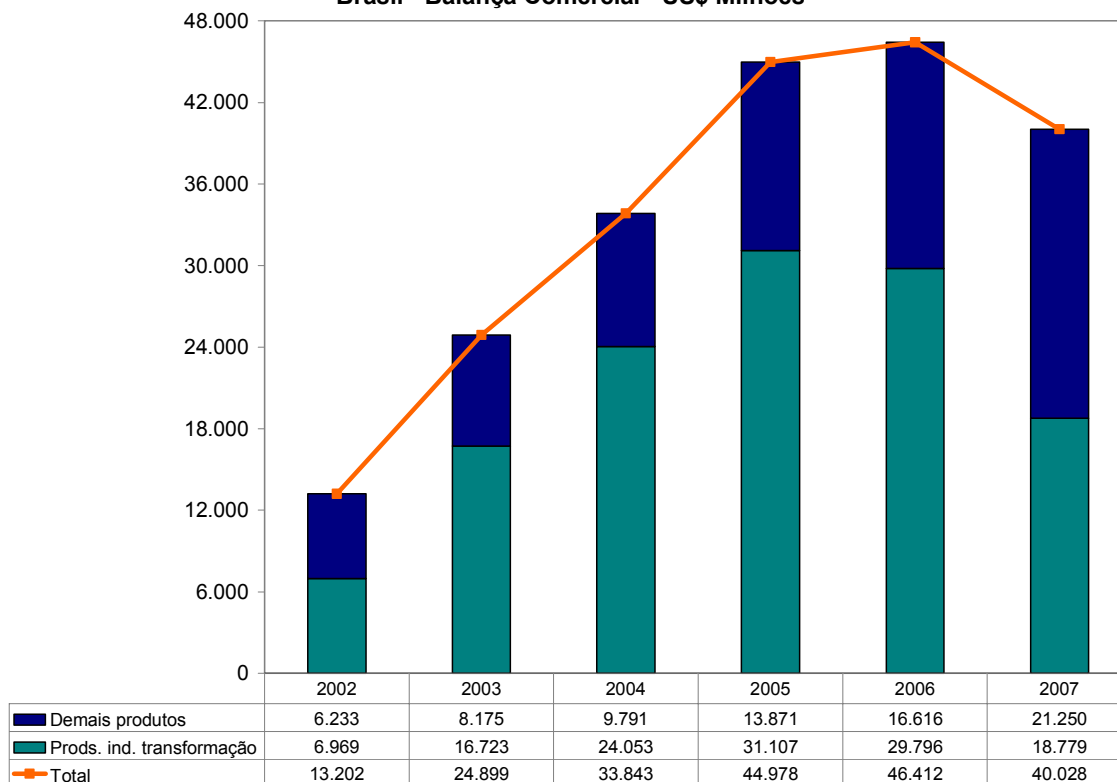
O saldo comercial brasileiro gerado pela indústria de transformação apresentou uma trajetória claramente ascendente entre os anos de 2002 e 2005, tal como indica o gráfico abaixo. Contudo, em 2006 essa trajetória foi revertida e nesse último ano houve uma nova queda, porém numa escala muito superior (37,0%). Notar que ao contrário de 2006, em 2007 o bom desempenho das exportações de produtos que não fazem parte da indústria de transformação não conseguiu compensar o mau resultado desta última e elevar a um superávit da balança comercial.

O grande setor gerador de saldo comercial para o Brasil, considerando o conteúdo tecnológico, é o de baixo conteúdo (saldo de US\$ 34,8 bilhões), seguido pelo segmento médio-baixo, mas com um resultado consideravelmente menor (saldo de US\$ 9,2 bilhões). Apenas o primeiro setor citado ampliou o saldo comercial gerado com relação ao ano anterior, 9,1%. Destacam-se, no caso de produtos com baixo conteúdo, os sub-setores alimentos, bebidas e tabaco, responsável sozinho por 70,1% do saldo gerado pelo setor, além de madeira, papel e celulose. Com relação aos bens com médio-baixo conteúdo, a redução de 12,4% teve como principal determinante o aumento do déficit do sub-setor carvão e petróleo refinado, o qual superou o maior saldo da indústria naval.

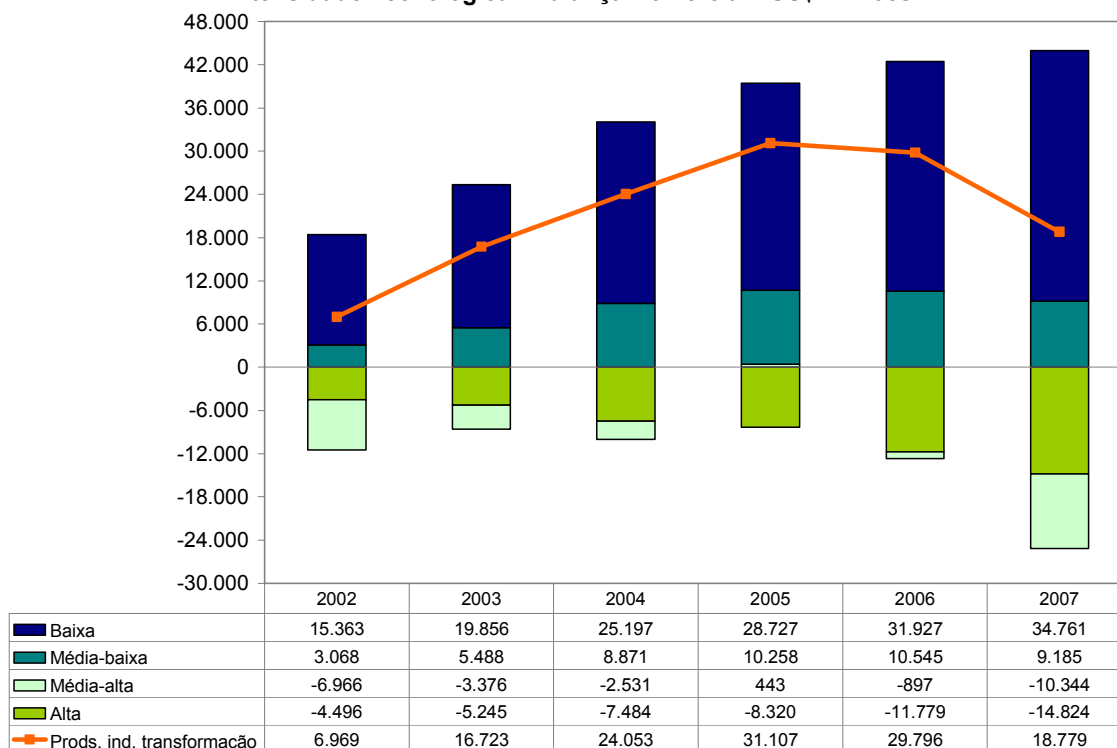
Pelo lado dos setores deficitários, alta e média-alta intensidade tecnológica, os dois apresentam saldo comercial negativo ou muito próxima de zero durante todos os períodos analisados. Chama atenção o montante do déficit gerado pelo segmento de alta intensidade (-US\$ 14,8 bilhões), bem como o crescimento entre 2006 e 2007 (25,4%). Todos os sub-setores contribuíram para o déficit, com exceção da aeronáutica. Por fim, cabe mencionar o segmento de médio-alto conteúdo, que nos dois anos anteriores atingiu um saldo muito próximo a zero, mas em 2007 acusou um volumoso déficit comercial (-US\$ 10,3 bilhões). Como resultado, a trajetória de recuperação que o setor vinha apresentando desde 2002 teve um grande revés. O sub-setor química (excetuando-se a indústria farmacêutica) foi o grande responsável por esse resultado, com um déficit de US\$ 3,9 bilhões.

O Brasil permanece dependente, no que tange à geração de saldos comerciais, de produtos com baixa e média-baixa intensidade tecnológica. Enquanto o setor de alta tecnologia é um grande importador e o maior gerador de déficits.

Brasil - Balança Comercial - US\$ Milhões



Brasil - Produtos da Indústria de Transformação por Intensidade Tecnológica - Balança Comercial - US\$ Milhões



Anexo – Metodologia e Classificações

Os dados básicos foram obtidos junto à Secex na classificação NCM a 8 dígitos e transformados na classificação SITC a 3 dígitos, (261 setores). A classificação setorial foi adaptada do estudo do Banco Mundial “*From Natural Resources to the Knowledge Economy Trade and Job Quality*” –2002.

Setores de Alta e Média-Alta Intensidade Tecnológica e Setores de Baixa e Média-Baixa intensidade tecnológica.

A classificação dos produtos dentro da indústria de transformação segundo a intensidade tecnológica foi desenvolvida pela OCDE e tem a seguinte estrutura:

Indústria de Transformação:

Indústria de alta tecnologia:

- Aeronáutica e aeroespacial
- Farmacêutica
- Material de escritório e informática
- Equipamentos de rádio, TV e comunicação
- Instrumentos médicos de ótica e precisão

Indústria de média-alta tecnologia

- Máquinas e equipamentos elétricos n. e.
- Veículos automotores, reboques e semi-reboques
- Produtos químicos, excl. farmacêuticos
- Equipamentos para ferrovia e material de transporte n. e.
- Máquinas e equipamentos mecânicos n. e.

Indústria de média-baixa tecnologia

- Construção e reparação naval
- Borracha e produtos plásticos
- Carvão, produtos de petróleo refinado e combustível nuclear
- Outros produtos minerais não-metálicos
- Produtos metálicos

Indústria de baixa tecnologia

- Produtos manufaturados n.e. e bens reciclados
- Madeira e seus produtos, papel e celulose
- Alimentos, bebidas e tabaco
- Têxteis, couro e calçados

Demais Produtos

Produtos intensivos em recursos naturais

- Agricultura, caça, atividades florestais e pesca**
- Agricultura, caça e atividades florestais
- Pesca

Indústrias Extrativas

Indústrias Extrativas

Produtos provenientes de outras atividades econômicas**Produtos normalmente oriundos dos serviços industriais de utilidade pública**

Energia Elétrica, Gás e Distribuição de Vapor e Água Quente

Captação, tratamento e distribuição de água

Produtos normalmente oriundos de serviços

Atividades de informática - desenvolvimento de programas de informática (software)

Serviços de arquitetura e engenharia e de assessoramento técnico especializado

Atividades fotográficas e microfilmagem

Produção e distribuição de filmes cinematográficos e fitas de vídeo e estúdios de gravação de som

Atividades de teatro, música e outras atividades artísticas e literárias

Cabeleireiros e outros tratamentos de beleza

Produtos não-classificados pela CIIU, revisão 3

Desperdícios e sucatas - Bens da divisão 39 da CPC, rev. 1.1 ou 1.0

Obras diversas e outros itens classificados em Caps. posteriores ao 97 do SH

Outros produtos não classificados